

A HISTÓRIA DA BORBOLETA QUE SE APAIXONOU POR UM SOCO OU RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA NA PESQUISA DE CAMPO EM LENÇÓIS-BA

Leonardo Augusto Paulino¹
Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA)
E-mail: leocenicas@hotmail.com

RESUMO

Este artigo procura explorar a reflexão e análise da prática na pesquisa de campo na cidade de Lençóis, Chapada Diamantina – Bahia. Fruto da disciplina *Laboratório de Performance* do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, a experiência proposta nessa escrita busca ampliar as discussões das relações entre identidade e desejo, articulando teoria e prática a fim de estruturar uma teia de pensamento, abordando a teoria *queer* e a criação do corpo-sem- órgãos como formas de descentralizar a sequência sexo-gênero-sexualidade. Propõe-se também a exploração da abordagem somático-performativa no viés de desterritorialização das identidades estáveis.

PALAVRAS-CHAVE: corpo, identidade, desejo, prática somático-performativa

Dezoito de julho de doismiletreze.

Como prática e extensão da disciplina Laboratório de Performance (TEA 794), disciplina obrigatória para alunos com projeto de encenação no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), fomos para a cidade de Lençóis, Chapada Diamantina a fim de experimentar e ampliar as relações com nossas pesquisas, conectando corpo e ambiente em um viés de imersão e articulação de teoria e prática.

Inúmeros foram os momentos, acontecimentos dessa pesquisa de/no campo, porém, me focalizarei em um episódio que tornou-se importante para

¹ Pós-Graduando em Artes Cênicas (PPGAC/UFBA). Linha de Pesquisa: Corpo e(m) performance. Orientação: Ciane Fernandes. Arte/Educador (UFOP/MG). Performer.

então estruturar uma teia de pensamento (rizomática) buscando discutir a questão da identidade na pós-modernidade permeada pela teoria *queer*.

Para maior clareza e compreensão do meu discurso, evidencio meus escritos sobre a prática somático-performativa² no Poço Halley (Lençóis,BA), no dia dezenove de julho de doismiletrece:

“14h por ai. Caminho entre pedras ovelha desgarrada. Sol quente penetrante e assim sem perceber percebendo a partir de certo momento tudo se transforma nesta experiência entre corponaturezaambienteespaço interno e reverberações no fora. Encontrei uma pedra. Essa pedra tem/teve muito valor a partir do momento em que a avistei sobre uma outra pedra. Uma espécie de altar em meio ao muito. Buraco iluminado em terreno infértil. Aproximo-me toco a pedra e a sinto e reconheço como um coração geometria abstrata. Forma lapidada centro de cor vermelha. Como as unhas em mãos douradas no transpassar das águas. Carrego a pedra comigo trilha a fora. Poço Halley. – um silêncio. Oferta do coração afetivo. Tule, salto, rosa, pedra vermelha. Mamãe Oxum me recebe tira as tensões ouço rapidamente seu canto em um ferimento na cachoeira. Relaxamento corporal sensação de carinho afeto troca com o ambiente. Sintonia somática. Expansão dos espaços e territorialidades. Tenho mais isto: eu encontrei um coração ofertado no meio do vazio. Dentro de um

² Prestar atenção aos estados e impulsos internos, a partir da percepção da presença no/com o ambiente. Escolher a cada dia e ao longo do dia, os percursos (trilhas) e locais, e pouco a pouco desenvolver atividades a partir do impulso interno de cada um e do coletivo, num processo criativo constante, marcado pela escuta somática e ambiental, aproximações a estados dinâmicos, entre centramento e relacionamento, permanência e impermanência, conexão interno-externo, imprevisibilidade e aceitação. Não ter uma agenda, um roteiro a seguir, ou expectativas e exigências a cumprir. Apenas buscar a “sintonia somática” (NAGAMOTO, 1992, p. 198), conexão com ritmos internos, e seguir as variações do fluxo de energia, vibração, pulsação, intenção, na dinâmica entre silêncio/som, pausa/movimento. Espaço tempo quântico, ondas, força, energia, campos magnéticos. Inteligência somática ou do corpo experimentado. A mente não é apenas função intelectual e cognitiva, mas é vivência explorada, informada e aprendida pelas células, corporificada, mente compreendida como “estado de consciência” e “estado de sensação” das células e sistemas corporais (HARTLEY, 1995) (FERNANDES, 2012, p.176-177).

buraco sobre um altar lá estava sacramentado e ele me foi dado. Músculo afetivo. Coração de pedra. Eu o trouxe e em lugar estratégico o ofereci à mãe Gaya terra de todos. Me apaixonei pela natureza. Eu deixo marcas nela e ela se apossa de mim me fere me cansa no aconchego me espera me pega no colo. Eu enterrei meu coração no fundo do lago.”

Dessa trajetória verifica-se a exacerbação do desejo enquanto fluxo (des) (re)territorializante de uma identidade transitória. Um corpo presente em ambiente, virtualidade, em contínua relação com a natureza, faz-se TRANS, caminhando para a abertura de territórios fechados e opacos possibilitando processos de singularização, apostando em uma leveza e suavidade que eliminam os processos de subjetivação sobre os quais está gerada a sociedade, inventando novas ordens sociais expressadas pelos devires de desejo.

Durante o tempo-espaço do/no Poço Halley tive a percepção de que não havia um corpo, não havia uma identidade, em meio a natureza não existia categorização e muito menos modos de representação,

consideremos que há objetos singulares, envolvidos num processo geral de desterritorialização, objetos poéticos enquanto rupturas de percepção, enquanto composições de processos de sensibilidades, de representações heterogêneas, que em dado momento vão se organizar segundo um determinado perfil, que não poderá ser remetido à referências ordinárias das significações dominantes (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.82).

Em suma, são diferentes fluxos de intensidade que não se articulam necessariamente e não se categorizam num modo de representação do que é ser homem e do que é ser mulher. Cabe dizer que os corpos já não aguentam mais. Estamos mergulhados em discursos sobre a sexualidade, pronunciados por diversas instituições de poder que instintivamente lutam contra a

desconstrução desta, invalidando a desestabilização de binarismos linguísticos conceituais (masculino/feminino, homem/mulher).

Estamos vivendo em uma época em que, rapidamente, as condições nas quais se configuram as sexualidades estão se transformando, transmutando. Entre esses conflitos sobre as preposições valida-se a (des)integração do ser cultural perante a natureza.

Cabe nesse momento introduzir a teoria *queer* na discussão de modo que nos delimite (ou não) perspectivas sobre a descentralização do sujeito e a fluidez da sexualidade como prática social.

a teoria *queer* constitui-se menos numa questão de explicar a repressão ou a expressão de uma minoria homossexual do que numa análise da figura hetero/homossexual como um regime de poder/saber que molda a ordenação dos desejos, dos comportamentos e das instituições sociais, das relações sociais – numa palavra, a constituição do self e da sociedade (SEIDMAN *apud* LOURO, 2008, p.46).

Assim como o *queer* aponta “*para o que está fora-do-centro*” (LOURO, 2008, p.43) proponho uma articulação de minha prática no Halley como sendo um processo de produção do gênero, buscando deslocar, desestabilizar, proliferar padrões normativos. Enterrar o coração de pedra no fundo do lago serve como metáfora de significação, representando a dispersão, o desapego à um sistema naturalizado, ficando à deriva da (re)existência como um corpo que importa, corpo transgressivo, corpo subversivo. A pedra é norma, alternativa e escolho abrir mão dela, enterrá-la. Assim como a tradição nos é dada, é necessário o atravessamento, escapar da via planejada, procurando novas posições, outros lugares para alojar-se e movimentar-se.

O espaço da fronteira em mim, em nós, o interstício, mostra-se como encruzilhada, “*lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto*” (LOURO, 2008, p.19). Nesse *locus* os enfrentamentos são

constantes, as possibilidades de questionamentos buscam desafiar a lei. Para Deleuze e Guattari, essa poética de probabilidades pode ser abordada através da esquizoanálise:

se a psicanálise se fundamenta no modelo da neurose/estrutura e aponta a superação do Édipo, o amadurecimento da pessoa pela integração à lei, pelo respeito à autoridade, portanto, à ordem social estabelecida; a esquizoanálise percorre outra direção: a esquizofrenia é o limiar por onde passam os fluxos desejantes em um corpo sem órgãos, desterritorializado, diferenciado da produção social mais comum [...] a esquizofrenia é resultante do capitalismo, mas ao mesmo tempo, lhe escapa; além do mais, ela é desfigurada e não enquadrável (CÂMARA, p.33).

A repressão sexual estabelecida em nossa sociedade capitalista patriarcal deixa marcas nos corpos procurando criar indivíduos dóceis, estagnados, obedientes e sujeitados. A esquizoanálise por sua vez, procura problematizar a sexualidade não-humana no sujeito, visto que somos todos os “sexos” possíveis.

O corpo sempre esteve fadado a determinismos e imprecisões, probabilidades e possibilidades. É ele que produz uma transversalidade com o campo social reconhecendo as marcas que se inscrevem em si, insinuando que os fluxos desejantes sejam liberados, deslizados. Conectar os desejos, construir rizomas, desfocar subjetividades nada mais é que buscar atingir um corpo-sem-órgãos (CsO)³, um *continuum* de intensidade. É a partir do corpo que se chega “às intensidades do desejo, à potência do ser – como sugere Nietzsche, às relações de poder/saber que o produzem – segundo Foucault – e aos fluxos desejantes – de acordo com Deleuze e Guattari” (op. cit, p. 36).

Na ótica do desejo o corpo designa conexões e intensidades que criam um CsO como forma de oposição aos agenciamentos de poder, conjunções,

³ “O CsO é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)” (DELEUZE;GUATTARRI, 1996,p.15).

limiaries, como forma de reterritorialização na questão da fixidez identitária. Meu corpo é antes de tudo um CsO, uma desorganização, corrosão e proliferação dos dispositivos de controle social, um processo de exploração do espaço intersticial onde podemos emergir como os outros de nós mesmos.

Durante aquela tarde em meio às águas de cor enferrujada as quais deixavam a pele dourada, fui agraciado pela natureza por me proporcionar a experiência da desorganização, da desconstrução do gênero, das identidades, da sexualidade em si. Pude reconhecer a habitação de meu corpo, carregado de discursos que se misturam ao sangue. O corpo alterou-se em sua essência, transformando e transcendendo a sequência sexo-gênero-sexualidade. “A poesia das infinitas potencialidades imprevisíveis” (CALVINO, p.21) fez-se presente na poética dos corpos no Halley despertando os devires, as redes de diferença, a multiplicidade do ser mais potente. Eu, eu, eu, tudo eu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para mudar o milênio*.

CÂMARA, Marcus Vinicius. *Do corpo ao incorporal ou da estrutura aos fluxos desejantes*. IN: MALUF JR, Nicolau (org.) Reich: o corpo e a clínica. São Paulo: Summus, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Rio de Janeiro: ed.34, 1996.

FERNANDES, Ciane. *Sintonia Somática e meio ambiente: pesquisas de campo do Laboratório de Performance do PPGAC/UFBA*. Revista Repertório, Salvador, nº18, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely . *Micropolítica – Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.